

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014
ISSN: 2316-8285

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA MODERNIDADE: ESTUDO ACERCA DAS DIFERENTES CONCEPÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Ana Kátia Mensor
Najla Mehanna Mormul

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explicar brevemente sobre as mais difundidas concepções teóricas e metodológicas da Geografia: a Geografia Positivista, a Geografia Crítica e a Geografia Histórica; estas foram escolhidas por serem as mais citadas ou divulgadas. Contudo, elas necessitam de um longo estudo e pesquisa para que sejam totalmente elucidadas. Porém, nessa pesquisa optamos em fazer uma breve reflexão sobre cada uma e descrever suas principais características. Para tanto foram realizadas leituras de diferentes autores, cada qual com suas linhas de pensamento e concepções a cerca da Geografia e o ensino de modo geral.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Pensamento geográfico, Concepções teóricas e metodológicas.

Introdução

Desde a sua sistematização como campo do conhecimento científico, a Geografia se posicionou na intersecção das ciências biológicas, da terra e humanas. Como resultado disso, o pensamento geográfico apresentou desde o seu princípio uma forte complexidade quanto a sua definição conceitual e metodológica, constituindo assim diferentes idéias.

A solidificação da Geografia, como uma disciplina científica, exigiu a construção de um sistema de categorias e conceitos particulares, elaborados por cada uma das linhas de pensamento, com o objetivo do real entendimento do objeto de investigação da ciência geográfica. Assim, um dos objetivos da Geografia é discutir a relação homem/meio através do espaço geográfico, conseqüentemente o espaço torna-se a categoria central expressando à articulação entre natureza e sociedade, que é, também, um dos objetivos da disciplina.

Neste trabalho visamos abordar as principais concepções históricas e metodológicas da Geografia – Geografia Crítica, Geografia Positivista e Geografia Histórica -, bem como suas principais características e linhas de pensamentos, refletindo também acerca do contexto em que estas foram criadas e inseridas.

Desenvolvimento

A Geografia possui métodos, metodologias e teorias que lhe são próprios e característicos, desenvolvidos e aprimorados através do tempo. A ciência geográfica sofreu também a influência de correntes filosóficas e teóricas de diversos países, como é o caso da França, Inglaterra e Alemanha.

A chamada Geografia Positivista surgiu na França no século XIX e apresentava explicações objetivas e quantitativas da realidade, que proporcionava uma ideia de

1611

neutralidade do saber e discurso geográfico, não priorizado as relações sociais. Essa concepção tem ligação os propósitos da escola francesa Lablachiana. A Geografia sob a influência dessa escola é conhecida como tradicional e buscava estudar as ações humanas através de um viés naturalizante com um estudo descritivo longe do espaço vivido.

Augusto Comte (1978) foi o principal pensador do Positivismo, de acordo com ele “o verdadeiro espírito positivo consiste, sobretudo em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que ser, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais” (COMTE, 1978, p.19).

Essa corrente filosófica também exerceu influência nas escolas. Para a escola primária sugeria-se que se iniciasse a educação das crianças com a poesia, a música, a pintura, enfim, com atividades que desenvolvessem os sentimentos, seguindo o desenvolvimento natural do homem (CARTOLANO, 2003, p.214). Assim, não seria a razão, mas o sentimento o verdadeiro instrumento para o conhecimento; e seria a partir desse sentimento que poderia ser compreendido e/ou estudado qualquer fato. Dessa forma, primeira etapa da educação das crianças deveria ser dedicada ao aperfeiçoamento dos sentidos, visto que suas necessidades são primeiramente físicas.

1612

A influência do positivismo também se fez sentir com força devido à influência da Psicologia e da Sociologia, ciências auxiliares da Educação. O Positivismo tem como metodologia admitir apenas o que é real, verdadeiro, inquestionável, aquilo que se fundamenta na experiência. Deste modo, a escola deve privilegiar a busca do que é prático, útil, objetivo, direto e claro. Os positivistas se empenharam em combater a escola humanista, religiosa, para favorecer a ascensão das ciências exatas (LEAL, 2013). No Brasil também foi nítida a presença do positivismo. De acordo com CARTOLANO (2003),

A maneira positivista de pensar e de interpretar a realidade estava presente não só nas novas propostas educacionais, mas também na forma de produzir e conceber o conhecimento da sociedade e do próprio homem. O positivismo de Comte era reinterpretado, nesse sentido, não só pela chamada ortodoxia positivista do Brasil, como também pela camada média da sociedade, constituída pelos militares, professores, profissionais liberais, que viam nele a esperança do progresso da nação por meio do espírito científico (CARTOLANO, 2003, p.216).

Assim sendo, as idéias de Comte foram também difundidas em nosso país, não somente dentro nas escolas, mas também no pensar político, tendo como representação a frase positivista “Ordem e Progresso”, extraída da formula máxima do positivismo: “O amor por principio, à ordem por base e o progresso por fim (Augusto Comte, 1798)” em plena bandeira

brasileira. A frase tenta passar a imagem de que cada coisa em seu devido lugar conduziria para a perfeita orientação ética da vida social.

Já a Geografia Crítica, também conhecida como Geografia Marxista, iniciou-se no século XX tendo como principal pensador Karl Marx, e se estende até os dias de hoje. Essa Geografia marcou uma mudança em o que se conhecia anteriormente, contando com novos métodos e uma nova maneira de pensar e se fazer Geografia.

Maurício de Almeida Abreu (1994, p.57) destaca a identidade dessa “nova forma de se fazer Geografia” que residia numa oposição muito mais profunda as outras tendências dessa disciplina. Os autores dessa vertente compartilhavam de um discurso científico crítico, pois colocavam em questionamento a sociedade e os parâmetros impostos por ela e iam além da mera aparência dos fenômenos, e assim, revelavam os verdadeiros determinantes sociais que os explicam.

A Geografia crítica coloca-se como “uma revolução que procura romper, de um lado, com a geografia tradicional e, de outro, com a geografia teórico-quantitativa” (CORRÊA, 2001, p.23), vindo a motivar intenso debate entre geógrafos marxistas e não marxistas. Dá evidência à ação do Estado e dos demais agentes da organização espacial, ao mesmo tempo em que retoma as relações homem-natureza e a abordagem regional. Busca responder às profundas modificações na organização espacial, decorrentes da intensa urbanização, industrialização e expansão do capital, que não encontravam respostas no determinismo, possibilismo e método regional.

1613

Hoje, grandes partes das escolas seguem a metodologia da Geografia crítica em seus currículos - estando presente também nas Diretrizes Curriculares de Geografia (DCE) -, visando proporcionar aos educandos um ensino de qualidade no qual estes aprendam a serem sujeitos críticos, considerando a realidade em que estão inseridos. Essa ideia implica em se preocupar menos com os conteúdos e suas quantidades e mais com a qualidade da construção do pensamento geográfico dos alunos.

Já a Geografia Histórica foi inicialmente tida como irrelevante por alguns, e considerada como uma disciplina sem matéria definida por outros geógrafos, a Geografia histórica ganhou importância por meio dos estudos de geógrafos humanos, sobretudo britânicos e americanos que em seus estudos insistiam em manter conceitos

considerados como pertencentes à área da história, “fundando” de certa maneira a área da geografia histórica (SANTIAGO, 2012).

Segundo ERTHAL (2003),

Papel fundamental deve ser dado à chamada geografia histórica, que, inclusive, além de se preocupar em recuperar as espacialidades pretéritas que marcam as espacialidades atuais, busca metodologias apropriadas e esforça-se em refletir a categoria tempo, a fim de fornecer subsídios a abordagem espacial e temporal. (...) Embora pouco difundida e, até mesmo em certos momentos, marginalizada pelos próprios geógrafos, a geografia histórica, em seu trajeto de construção, foi tida como disciplina autônoma, como apêndice da história e, também, como campo da antropologia. Os seus praticantes, porém foram direcionando por compatibilização, tal saber ao campo geográfico (ERTHAL, 2003, p.30).

A Geografia histórica ainda não é muito explorada e, muitas vezes, tem sido confundida com história da Geografia e, em função da falta de uma definição mais precisa, apresenta uma imensa gama de definições como Geografia do passado, paisagem em mudança, o passado no presente (ERTHAL, 2003).

A tendência é a Geografia utilizar diferentes concepções teóricas metodológicas de acordo com o seu objeto de estudo e conteúdo. Assim, subjacente a todos as diferenças nas correntes teórico-metodológicas há um denominador comum: a Geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de conceitos e/ou categorias, assim como no melhor método de ensino-aprendizagem.

1614

Conclusão

Vimos que em sua trajetória a Geografia passou por inúmeras transformações. Nesse sentido, repensar o papel da Geografia na atual sociedade é uma prática fundamental para aqueles que procuram contribuir com a melhoria do ensino no país. Temos consciência da dificuldade da tarefa de contribuir na formação dos cidadãos, mas consideramos que tal tarefa é essencialmente necessária para compreender a sociedade em que vivermos e atuarmos efetivamente na consolidação ou construção dela.

Para isso, entendemos que o professor de Geografia tem papel fundamental por isso é preciso ter clareza dos pressupostos teórico-metodológicos que orientam essa ciência e norteia sua aplicação como Geografia escolar. É fundamental esse domínio teórico para que o professor possa ter autonomia no saber fazer Geografia, seja em sala de aula ou fora dela, e a

partir daí, selecionar seus objetivos, conteúdos e metodologias, dando sentido ao ensino dessa disciplina.

Referências bibliográficas

CARTOLANO, Maria Teresa Penteadó. Educação e positivismo: algumas reflexões. In:

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o espírito Positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ERTHAL, Rui. **Geografia Histórica: Considerações.** São Paulo: GEOgraphia. Vol. 05, 2003.

NETO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.) **História e história da educação.** Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998.